

Sumário

Siglas	11
--------------	----

O governo Bolsonaro

O diabo na corte.....	17
Antes da eleição de Bolsonaro.....	20
Bolsonaro eleito presidente	24
Ato falho ou desprezo pelos pobres?	28
Impensável vitória de Bolsonaro.....	33
Pergunte à história.....	42
Suspeita de corrupção na família Bolsonaro	45
Multa.....	51
Nepotismo.....	52
O ideólogo.....	53
Steve Bannon e as redes digitais	59
Religião, principal sistema de sentido.....	71
Peso do voto evangélico	75
“A verdade vos libertará”	78

O “antiglobalista” ministro das relações exteriores e outros ministros.....	81
Escola sem partido — deveres detalhados.....	97
Escola compartilhada.....	100
Governar pelo medo	103
Naturalização do horror	106
Lógica do poder	110

Outros temas

Colonialidade.....	115
Decadência do Ocidente	118
A gaiola neoliberal.....	120
Globalização da indiferença.....	123
Como endireitar um esquerdista.....	125
Despolitizar a política	129
Pós-democracia.....	132
Sacralidade do ser humano.....	135
Morte, questão política	138
Relação fé e política.....	141
A face do horror	144
A morte nutre o capital.....	148
Darwinismo social	151
Direitos Humanos e loteria biológica.....	154
Estupro geral.....	157
Fundamentalismo econômico	159
Robin Hood tinha razão	161
Morador de rua não é caso de polícia. É caso de política ..	164

O cardeal eletricista	168
O desempregado	171
Templo dos desejos.....	174
Mãe ambiente	177
Degradação ambiental: de quem é a culpa?.....	180
Amazônia, desafios.....	183
Amazônia, o rosto ecológico de Deus	186
Amazônia ameaçada	189
Epílogo	193
Obras do autor	197

O GOVERNO BOLSONARO

O DIABO NA CORTE

Conta um velho manuscrito carolíngio que, certa feita, decidiu o diabo instalar-se em plena corte de um rei que se julgava verdadeiro messias. Dos súditos se exigia não apenas obediência, mas sobremaneira devoção.

Como sabem todos, etimologicamente diabo é antônimo de símbolo. Se este une e agrega, aquele divide e confunde. Era exatamente este o intuito do diabo, semear na corte a mais intensa confusão. E ele o fazia a quatro vozes, a sua e as de seus três filhos príncipes.

O rei se tomou de perplexidade e ódio ao ver seus propósitos reduzidos à galhofa. O que ele dizia pela manhã era desmentido à tarde por seus ministros. Se prometia aumentar impostos, logo seus acólitos se apressavam a esclarecer que ele se equivocara. Se um ministro demonstrava a intenção de vender aos barões parte do patrimônio do reino, logo Sua Majestade tratava de contradizê-lo e reafirmar que certos bens estratégicos do reino não poderiam ser alienados.

O diabo, em sua esperteza maléfica, tratou de semear uma das mais eficazes pragas: a confusão semântica. As palavras tiveram seus significados esvaziados ou trocados,

a ponto de uma princesa ousar confessar em público ser uma pessoa “terrivelmente religiosa”. Consultasse ela um dos vernaculistas do reino, saberia que o advérbio deriva de “terrível, que causa ou infunde terror”, conforme aclara o sábio Michaelis. E o monge carolíngio copista do importante manuscrito fez esta glosa que tanto agradou o diabo: “Uma religiosidade terrível nada tem a ver com o bom Deus”.

A mesma nobre autoridade ousou decretar que, no reino, meninas deveriam trajar rosa e meninos, azul. O diabo esfregou as mãos de satisfação. Os daltônicos, por temerem incorrer em erro, preferiram sair nus à rua, o que suscitou uma onda de escândalos. Os que haviam nascido menina e, no entanto, se sabiam menino, vestiram-se de rosa, e os meninos que se sabiam meninas trajaram o azul, o que os tornou alvo de severos castigos.

Por injunção do diabo, toda e qualquer pluralidade foi banida do reino, impondo-se a mais estrita dualidade. Quem não era amigo era inimigo. E para que tal dualidade não sofresse a menor ameaça de ser contaminada pela dialética, banuiu-se do reino o Ministério da Cultura. Pensar passou à categoria de crime. Foi extinto ainda, entre outros, o Ministério do Trabalho, já que o diabo incutiu na nobreza ser muito mais lucrativo o trabalho escravo que o assalariado, tão oneroso para as burras de marqueses e condes.

Não satisfeito em provocar tamanha confusão no reino, o diabo decidiu agir na educação dos súditos. Para o rei, todos os monarcas que o precederam haviam envenenado a educação com a famosa peste do *ismo*, contaminando de tal modo a visão dos educandos que enxergavam vermelho onde havia verde.

Na alfabetização, baniram-se todos os métodos que associavam palavras e ideias, e adotou-se o método fônico, que recorta letras para formar palavras. O jogo de Palavras Cruzadas foi terminantemente proibido por favorecer a semântica em detrimento da sonoridade vocabular.

O ministro encarregado das relações com os reinos vizinhos falava javanês. Ninguém nada entendia, o que não tinha a menor importância, já que o seu interesse era se sentir cercado de admiradores e, de preferência, bajuladores. Sua diplomacia consistia no mais estrito verticalismo, que prioriza a relação com os Céus, em detrimento de todo e qualquer horizontalismo de boa vizinhança com os demais reinos.

Muitos séculos depois de encontrado este manuscrito, descobriu-se outro em um reino do Sul, saído da lavra de um descendente de escravos. Intitulava-se *A igreja do diabo*. O autor se chamava Joaquim Maria Machado de Assis. Mas isso é outra história.

ANTES DA ELEIÇÃO DE BOLSONARO

Em O Globo, de sábado, 15 de setembro de 2018, publiquei este artigo:

Eleição democrática do terror

Ele nada entendia da situação real do país. Nem demonstrava interesse por ela, embora atuasse ativamente na política. Por isso não gostava de ser questionado, irritava-se diante das perguntas como se fossem armas apontadas em sua direção. Não queria que a sua ignorância se tornasse explícita.

Ser estranho, tinha os olhos alucinados afundados nas órbitas, lábios espremidos, gestos cortantes. Todo o seu corpo era rígido, como se moldado em armadura. Ao ficar na defensiva, parecia uma fera acuada. Ao passar à ofensiva, a fera exibia garras afiadas, e de suas mandíbulas pingava sangue.

Sua fala exalava ódio, rancor, preconceito. Aliás, não falava, gritava. Não sabia sorrir, tratar alguém com delicadeza, ter um gesto de cortesia ou humildade. Evitava ao máximo os repórteres. Julgava as perguntas invasivas. E temia que a sua verdadeira face antidemocrática transparecesse nas respostas.

Educado em fileiras militares, aprendera apenas a dar e cumprir ordens, enquadrar quem o cercava e ultrajar quem se opunha

às suas opiniões. Jamais aceitava o contraditório ou praticava um mínimo de tolerância. Considerava-se o senhor da razão.

A nação estava em frangalhos, mergulhada em crise ética, política e econômica, e o horizonte da esperança espelhado em trevas. Pelo país afora havia milhares de desempregados, criminalidade generalizada, corrupção em todas as instâncias de poder. O câmbio disparara, a moeda nacional perdia valor, o descontentamento era geral. O governo carecia de credibilidade e se via cada vez mais fragilizado. O povo clamava por um salvador da pátria.

Jovens desesperançados viam nele um avatar capaz de inaugurar a idade de ouro. Era ele o cara, surfando na descença generalizada na política e nos políticos. O Executivo se debilitara por corrupção e incompetência, o Legislativo mais parecia um ninho de ratos, o Judiciário se partidizarara submisso a interesses escusos.

Ele se dizia cristão, e se considerava ungido por Deus para livrar o país de todos os males. Advogava soluções militares para problemas políticos. Movido pela ambição desmedida, se apresentou como candidato à eleição democrática para ocupar o mais alto posto da República, embora ostentasse a patente de simples oficial de baixo escalão do Exército.

De sua oratória raivosa ressoava o discurso agressivo, bélico, insano. Haveria de modificar todas as leis para implantar uma ordem marcial que poria fim a todas as mazelas do país. Eleito, seria ele o comandante-em-chefe, e todos os cidadãos passariam a ser tratados como meros recrutas obrigados a cumprir estritamente as suas ordens.

Prometia fortalecer o aparato policial e as Forças Armadas. Sua noção de justiça se resumia a uma bala de revólver ou a um tiro de fuzil. Eleito, excluiria da vida social um enorme contingente de pessoas consideradas por ele sub-humanos e indesejáveis — feministas, homossexuais, trabalhadores em luta por seus direitos e “comunistas”, como eram qualificados todos que lhe faziam

oposição. Todos que se opunham às suas opiniões eram por ele apontados como bodes expiatórios da desgraça nacional.

Seu mandato presidencial haveria de trazer a era de fartura e prosperidade. Reergueria a economia e asseguraria oportunidades de trabalho a todos. Exaltaria os privilégios do capital sobre os direitos dos trabalhadores. Aqueles que o seguissem seriam felizes, e livres para sobrepor a lógica das armas ao espírito das leis. Os demais, excluídos sumariamente do convívio social.

Enfim, após uma série de manobras políticas e forte repressão às forças adversárias, ele foi eleito chefe de Estado. A nação entrou em júbilo. O salvador havia descido dos céus! Ou melhor, brotado das urnas.

Tudo isso aconteceu em 1933. Na Alemanha alquebrada pela derrota na Primeira Grande Guerra. O nome dele era Adolfo Hitler.

Este o meu temor, de que o governo de Jair Bolsonaro, uma vez eleito, desencadeasse uma onda de violência no país sobre todos aqueles que não rezavam por sua cartilha. Mas para isso ele precisaria superar seus concorrentes da corrida presidencial, como Fernando Haddad, do PT; Ciro Gomes, do PDT; e Geraldo Alckmin, do PSDB. E sua arrogância e real desconhecimento da conjuntura do Brasil poderiam despontar como os principais obstáculos ao crescimento de sua candidatura quando chegasse o momento de se defrontar com seus rivais nos debates televisivos.

Um fato inesperado ocorreu. Em 6 de setembro de 2018, véspera da comemoração da independência do Brasil, Bolsonaro teria sido vítima de uma facada durante campanha eleitoral em Juiz de Fora (MG). A partir daquela data não mais participou de debates, e ainda roubou de Lula — preso em Curitiba (PR) pela Lava Jato, que o alijou

da corrida presidencial — o papel de vítima do processo político brasileiro.

Até hoje guardo dúvidas sobre a facada. E Lula me repetiu a mesma impressão quando o visitei pela segunda vez na prisão, a 17 de dezembro de 2018. Não havia sangue na camisa; o agressor escapou ileso, sem levar um tapa ao ser preso; e ainda demonstrou uma tranquilidade inexplicável quando fotografado e filmado na delegacia de Juiz de Fora (MG). Minhas dúvidas aumentaram ao assistir a um vídeo filmado em Juiz de Fora na data fatídica.¹ Teria sido uma bem montada trama que livrou Bolsonaro dos debates eleitorais?

As despesas de socorro médico na Santa Casa de Juiz de Fora foram pagas, segundo a instituição, pelo SUS. Mas até hoje não se sabe quem pagou o jatinho que levou Bolsonaro da cidade mineira para São Paulo, onde foi internado no hospital Albert Einstein. Nem quem pagou o tratamento nesse hospital, um dos mais caros do país. Bolsonaro não apresentou à Câmara dos Deputados pedido de ressarcimento dos custos médicos e hospitalares.²

O leitor que tire as suas conclusões.

1. Ver: <https://youtu.be/kDe6Vvgvf44>

2. *Folha de S. Paulo*, 29/12/2018, p. A10.

BOLSONARO ELEITO PRESIDENTE

O PSL (Partido Social Liberal), pelo qual Jair Messias Bolsonaro se elegeu presidente, tinha apenas um deputado federal eleito em 2014. Outros sete aderiram nos anos seguintes. Em 2018, elegeu 52, a segunda maior bancada na Câmara dos Deputados. Perdeu apenas para o PT, que elegeu 56. Em seguida, figuram: PP 37; MDB 34; PSD 34; PR 33; PSB 32; PRB 30; PSDB 29; PDT 28; SD 13; PODE 11; PTB 10; e PSOL 10. Não elegeram nenhum deputado federal o PCdoB, a REDE, o PV, entre outros partidos. O PSL elegeu também três governadores (SC, RO, RR), e ainda recebeu o apoio dos governadores eleitos do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Bolsonaro foi eleito com 55,13% da preferência eleitoral, ou seja, 57,7 milhões de votos. Fernando Haddad, do PT, teve 44,9% da preferência eleitoral. Somou 47 milhões de votos. Dos 147 milhões de eleitores, 2,1% optaram por votar branco (2,5 milhões de eleitores) e 7,4%, por votar nulo (8,6 milhões de eleitores). Nulos e brancos somaram 9,6%. A soma de brancos, nulos e abstenções foi em torno de 30 milhões de eleitores.

“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” — eis o mote de campanha de Bolsonaro. Em 1986, quando ainda

estava na ativa no Exército, publicou um artigo na revista *Veja*, no qual defendia aumento salarial para os militares. E para chamar a atenção para tal reivindicação, ele e um colega planejaram explodir bombas no Rio. Devido ao “plano bombástico” e ao artigo, considerado indisciplina por seus superiores, uma sindicância foi aberta no Exército.

Bolsonaro recebeu condenação no início de 1988. Acusado de “transgressão grave”, ficou preso por 15 dias. Recorreu ao Superior Tribunal Militar e foi inocentado por 8 a 4. Isso o tornou conhecido entre os seus pares e, em 1988, foi eleito vereador no Rio. Graças ao seu empenho por aumento do soldo da caserna, elegeu-se deputado federal em 1990 e, reeleito, permaneceu no cargo até 2018.

Durante a campanha presidencial, em debate dos candidatos na TV antes do suposto atentado em Juiz de Fora, Guilherme Boulos, do PSOL, indagou de Bolsonaro: “Quem é Wal?”. Wal é Walderice Santos da Conceição, a Wal do Açaí, que vendia o fruto em Angra dos Reis (RJ), onde Bolsonaro tem casa. Mesmo morando no litoral fluminense, Wal recebia R\$ 1,3 mil mensais como funcionária lotada no gabinete do deputado em Brasília. Seu marido, Edenilson, atuava como caseiro de Bolsonaro. Após a pergunta de Boulos, Wal se demitiu no dia seguinte...

Em 1999, já como deputado, Bolsonaro empregou em seu gabinete sua companheira Ana Cristina Valle, o pai e a irmã dela. Declarou que, por estar se divorciando, não praticava nepotismo. No mesmo ano, em programa de TV, disse que “no período da ditadura deviam ter fuzilado uns 30 mil corruptos, a começar pelo presidente Fernando Henrique”.

Em 2014, foi processado pelo Conselho de Ética da Câmara dos Deputados após declarar que não estupraria uma deputada (Maria do Rosário, PT-RS), porque “é feia e não merece”. Bolsonaro e seu filho Eduardo recebiam, como deputados federais, mais de R\$ 6 mil de auxílio-moradia, mesmo tendo imóvel próprio em Brasília. Questionado, respondeu que utilizou o dinheiro “para comer gente”.

Bolsonaro e seus três filhos parlamentares possuíam patrimônio, em 2018, de cerca de R\$ 6 milhões, declarados à Justiça Eleitoral. Tinham R\$ 1,6 milhão em 2010 e R\$ 3,3 milhões em 2014.

Em 29 de outubro de 2018, *O Estado de S. Paulo* publicou editorial intitulado *Salto no escuro*. Diz o texto: “Se há um ano alguém dissesse que Jair Bolsonaro tinha alguma chance de se eleger presidente da República, provavelmente seria ridicularizado. Até pouco tempo atrás, o ex-capitão do Exército era apenas um candidato folclórico, desses que de tempos em tempos aparecem para causar constrangimentos nas campanhas — papel cumprido mais recentemente pelo palhaço Tiririca (...).³ Pois a ‘tiriricarização’ da política atingiu seu ápice com a escolha de um presidente da República que muitos de seus próprios eleitores consideram completamente despreparado para chefiar o governo e o Estado”.

“A explicação mais óbvia para tal fenômeno é que os eleitores escolheram Bolsonaro porque este se apresentou como a antítese raivosa do lulopetismo. A ânsia de repudiar

3. Tiririca, pseudônimo artístico de Francisco Everaldo Oliveira Silva, humorista, compositor e cantor. Candidatou-se como antipolítico e foi eleito pelo PR-SP, com expressivas votações, deputado federal em 2010, 2014 e 2018.

tudo que o PT e Lula da Silva representavam superou qualquer outra consideração de caráter político. (...)”

“Bolsonaro tornou-se célebre por exaltar a ditadura militar e a tortura, por declarações desairosas sobre mulheres, negros e homossexuais, e por menosprezar as instituições democráticas. (...)”

“Eleito, Jair Bolsonaro terá de reconhecer que há uma grande diferença entre fazer campanha eleitoral e administrar um país — especialmente em meio a uma das mais graves crises da história. O problema é que ninguém sabe quais são as ideias do presidente eleito, admitindo-se que ele as tem.”

(...)

“Ou seja, o eleitor escolheu Bolsonaro sem ter a mais remota ideia do que ele fará quando estiver na cadeira presidencial. Não é um bom augúrio, justamente no momento em que o País mais precisa de clareza, competência e liderança.”